



**UNIVERSIDADE DE BRASILIA – UnB
FACULDADE DE PLANALTINA -FUP
CURSO GESTÃO DO AGRONEGÓCIO**

**DIFICULDADES E OPORTUNIDADES DA PRODUÇÃO DE
ORGÂNICOS NO DISTRITO FEDERAL**

BRASILIA 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE PLANALTINA -FUP
CURSO GESTÃO DO AGRONEGÓCIO**

VÂNIA GOMES DE BARROS

**DIFICULDADES E OPORTUNIDADES DA PRODUÇÃO DE
ORGÂNICOS NO DISTRITO FEDERAL**

**Pré-projeto apresentado como requisito para conclusão do Curso de
Gestão do Agronegócio da Faculdade UnB de Planaltina – FUP UnB**

Orientador (a): Professora Doutora Janaína Deane de Abreu Sá Diniz

BRASÍLIA 2011

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	3
2 - Conhecendo a Agricultura orgânica.....	4
3 - A produção de orgânicos no Brasil	7
4 - O Mercado Mundial	8
5 - Mecanismos de Controle.....	10
6 - Metodologia	12
7 – O caso da propriedade de orgânicos “Encanto Rural”	13
8 - Considerações Finais.....	17
Anexos	18

1 - INTRODUÇÃO

Atualmente, os alimentos recebem altas quantidades de produtos tóxicos e passam por vários processos de transformação até chegar ao consumidor gerando um distanciamento entre este e o agricultor. A aceitação e o aumento da demanda por produtos decorrem de uma tomada de consciência por parte de consumidores quanto aos malefícios que os resíduos de agrotóxicos e adubos químicos podem ter sobre a saúde.

A agricultura orgânica não é apenas como um sistema de produção que substitui agrotóxico e adubos químicos por adubo orgânico. Suas diversas faces compõem uma nova idéia, uma nova forma de ver e trabalhar o campo, visando à produção agrícola em equilíbrio com a natureza, mas que também deve abranger modificações nos hábitos de consumo de seus clientes e promover o maior comprometimento destes com o processo de produção e com o ambiente (DULLEY, 2002).

Diante dessa preocupação, os produtos orgânicos atendem a essa necessidade, fazendo o caminho inverso, ou seja, aproximando o consumidor e o produtor além de permitir a produção sustentável e o respeito à natureza.

2 - CONHECENDO A AGRICULTURA ORGÂNICA

O homem primitivo sobrevivia com a ajuda da natureza, explorando a força natural da terra, cuidando das suas plantações, usando a própria natureza para adubar a terra. Entretanto, com a evolução tecnológica e química, passou-se a utilizar alguns recursos com o objetivo de melhorar a produção, sem muito pensar nas conseqüências dessas investidas. Buscava-se apenas proteger as plantações contra as pragas, aumentar a quantidade produzida, deixando em segundo plano a preocupação com a qualidade dos alimentos, com o meio ambiente e com a saúde. (KHATOUNIAN, 2001 apud SMOLINSKI *et al*, 2011).

Como conseqüência o meio ambiente foi devastado pelo homem, principalmente pelo uso incorreto dos recursos naturais. Com o uso de produtos químicos na agricultura, extrações excessivas de madeiras e outras matérias-primas, destruição da camada de ozônio, provocando mudanças climáticas, poluições hídricas e extinção de espécies (KHATOUNIAN, 2001 apud SMOLINSKI *et al*, 2011).

Em 1962, Rachel Carson publica o livro *Primavera Silenciosa*, no qual a autora questionava o modelo agrícola convencional e sua crescente dependência do petróleo como matriz energética. Ao tratar do uso indiscriminado de substâncias tóxicas na agricultura, em pouco tempo a obra de Carson tornou-se mais do que um "best seller" nos EUA: foi também um dos principais alicerces do pensamento ambientalista naquele país e no restante do mundo (EHLERS, 1996 apud SMOLINSKI *et al*, 2011).

Na década de 1970, começaram a ser usados pacotes de insumos químicos: adubos, inseticidas, fungicidas e ainda uma infinidade de variedades modernas que, ao longo do processo, haviam sido selecionadas para bem aproveitar esses insumos. Foi onde a agricultura se tornou dependente da indústria química. Existia um esforço para convencer os produtores de que a agricultura, com a utilização de produtos químicos, era um meio eficiente de resolver problemas ligados à nutrição mineral e à sanidade vegetal (SMOLINSKI *et al*, 2011).

Desta forma, a agricultura moderna passou a ser um verdadeiro processo industrial, os produtos que eram bens finais se transformaram em matérias-primas para as indústrias de alimentos. Foram deixados de lado alguns aspectos importantes, como a qualidade biológica e a sanidade dos alimentos (ausência de resíduos tóxicos), assim como a estabilidade das propriedades agrícolas e a

conservação dos recursos naturais (AMBROSANO, 1999 apud SMOLINSKI *et al*, 2011).

O modo de produção utilizando insumos químicos estendeu-se pelo mundo todo, resultando numa generalização de problemas causados por este modelo de cultivo, como também fez com que se desenvolvessem novos modos de produção, buscando o menor impacto ao meio ambiente (SMOLINSKI *et al*, 2011).

A produção que resulta num impacto negativo menor ao meio ambiente ficou conhecida como agricultura alternativa ou orgânica, diferenciando-se do modelo da agricultura moderna. De acordo com Ambrosano (1999 apud SMOLINSKI *et al*, 2011), o método alternativo de agricultura está inserido numa profunda mudança da sociedade frente aos recursos naturais, no contexto de defesa e proteção ambiental.

A produção orgânica tem como base os princípios agroecológicos que contemplam o uso saudável e responsável do solo, da água, do ar e dos demais recursos naturais, de modo a reduzir as formas de contaminação e desperdício desses elementos, contribuindo para o desenvolvimento sustentável. As propriedades orgânicas também buscam diversificar e integrar a produção de espécies vegetais e animais com o objetivo de criar ecossistemas mais equilibrados e que ajudem a manter a biodiversidade (MAPA, 2009 apud SMOLINSKI *et al*, 2011).

O movimento surgiu desvinculado do setor público, quando a agricultura orgânica era vista, tanto como um idealismo de naturalistas que cultivavam a própria horta por se recusarem a comer hortaliças e legumes produzidos com adubo químico e agrotóxicos, quanto como sendo um retrocesso, uma volta ao passado. Porém, a evolução dos mercados demonstrou um modelo viável de produção, baseado em novas tecnologias, que atendem aos princípios de produtividade, rentabilidade, qualidade e difusão do conhecimento (MELLO, 2004).

O desenvolvimento da agricultura orgânica no cenário nacional ocorreu baseado na experimentação, tentativa e erro dos produtores não rurais (indivíduos de áreas urbanas), que buscavam novas técnicas de produção de alimentos que garantissem um novo estilo de vida, tanto em relação à saúde humana, quanto em relação à qualidade e saúde do meio ambiente utilizado nos sistemas de produção agrícola. (ASSIS, 1993 apud MELLO, 2004).

Em 1992, com a Conferência Mundial da ECO92, no Rio de Janeiro, surge o conceito de sustentabilidade, que manifestou uma nova ordem mundial que expressa a vontade das nações de conciliar ou reconciliar o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, em integrar a problemática ambiental ao campo da economia (SANTOS, MONTEIRO, 2004).

No final da década de 1990 a agricultura orgânica deixa de ser tratada, exclusivamente com foco comercial marginal, para se tornar aos poucos uma tendência de apelo comercial, atendendo uma demanda de mercado que exige uma melhor organização por parte dos agricultores e associações de produtores (MELLO, 2004).

3 - A PRODUÇÃO DE ORGÂNICOS NO BRASIL

No decorrer da década de 1970, a agricultura tradicional brasileira incorporou maciçamente técnicas modernas de produção, com a introdução de máquinas agrícolas, insumos e sementes. Este movimento ocorreu de forma uniforme, muito em função de terem sido adotados no Brasil as técnicas e insumos da Revolução Verde. Isto fez com que fosse criada uma verdadeira reorientação de processos produtivos, fazendo com que tivessem início desequilíbrios ecológicos e sociais (MELLO, 2004).

O desenvolvimento da agricultura orgânica no cenário nacional ocorreu, baseado na experimentação, tentativa e erro dos produtores não rurais (indivíduos de áreas urbanas), que buscavam novas técnicas produção de alimentos que garantissem um novo estilo de vida, tanto em relação à saúde humana, quanto em relação à qualidade e saúde do meio-ambiente utilizado nos sistemas de produção agrícola (ASSIS, 1993 apud MELLO, 2004).

Os principais incentivadores desta mudança de cenário foram as associações de produção, as cooperativas de consumo, e algumas organizações não governamentais, que configuraram-se a partir da década de 1980, nos verdadeiros órgãos de fomento da agricultura orgânica no país. Estas organizações serviram de apoio para os poucos agricultores que se propunham a arriscar uma adesão em um sistema de produção um tanto desconhecido, e de difícil controle biológico e com poucas oportunidades de negócio (MELLO, 2004).

4 - O MERCADO MUNDIAL

A quantidade de agricultores que estão optando por plantar seguindo o método orgânico cresce ano a ano. Comparando os dados obtidos no ano 2000 com os de 2006, vemos que a área plantada no mundo duplicou.

Segundo dados da IFOAM (Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica), o sistema orgânico já é praticado em mais de centenas de países, sobretudo na Europa, EUA, Japão, Austrália e América do Sul. Esta expansão está associada, em grande parte, ao aumento de custos da agricultura convencional, à degradação do meio ambiente e à crescente exigência dos consumidores por produtos "limpos", livres de substâncias químicas e/ou geneticamente modificadas (PLANETA ORGÂNICO, 2003).

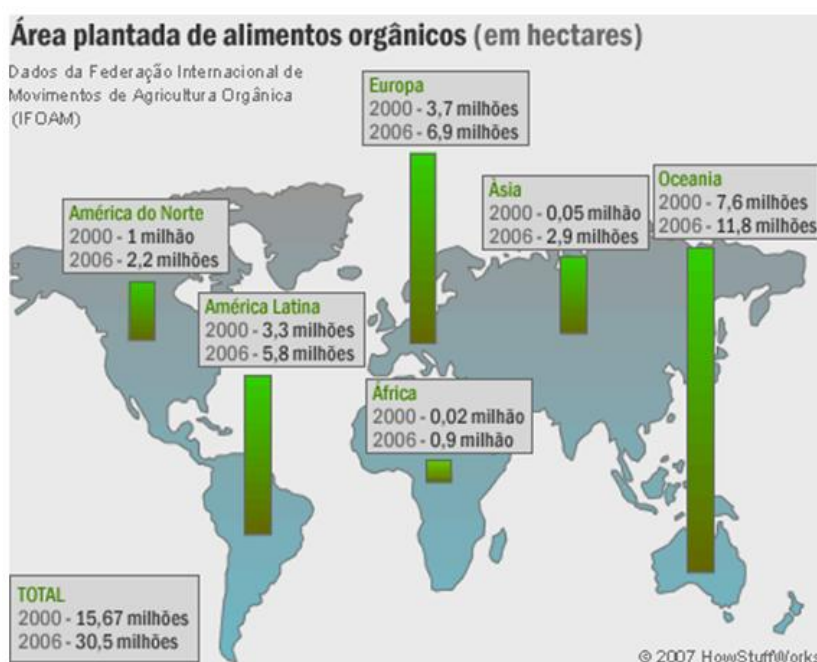


Figura 1 – Distribuição mundial das áreas em agricultura orgânica, segundo os diferentes continentes.

Fonte: Adaptado de IFOAM / I (2001 <http://ambiente.hsw.uol.com.br/agricultura-organica1.htm>)

O Brasil ocupa atualmente a segunda posição na América Latina em termos de área manejada organicamente. Estima-se que já estejam sendo cultivados perto de 100 mil hectares em cerca de 4.500 unidades de produção orgânicas. Aproximadamente 70% da produção brasileira encontra-se nos estados do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo. Nos últimos anos o

crescimento das vendas chegou a 50% ao ano. Os principais produtos brasileiros exportados são café (Minas Gerais); cacau (Bahia); soja, açúcar mascavo e erva-mate (Paraná); suco de laranja, óleo de dendê e frutas secas (São Paulo); castanha de caju (Nordeste) e guaraná (Amazônia).(DAROLT, 2011).

5 - MECANISMOS DE CONTROLE

O comércio de produtos orgânicos no Brasil, bem como no mundo, depende da relação de confiança entre produtores e consumidores e dos sistemas de controle de qualidade. As leis brasileiras abriram uma exceção à obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos para agricultura familiar que hoje pode vender os orgânicos diretamente aos consumidores finais. Para isso, porém, os agricultores precisam estar vinculados a uma Organização de Controle Social – OCS (MAPA, 2011).

O texto da Lei 10.831, de dezembro de 2003, considera como sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais. O objetivo é garantir a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais (MAPA, 2011).

Inicialmente, a comercialização de produtos orgânicos se dá em circuitos curtos onde a proximidade é responsável pela transmissão de confiança. Com a expansão dos circuitos de comercialização, manifestam-se problemas de assimetria de informações e a necessidade de mecanismos formais de controle da qualidade da produção (MEDAETS, 2003).

Conhecidos no mercado como “bens de crença”, já que seus atributos não podem ser identificados pelos consumidores, os alimentos orgânicos pressupõem algum sistema de confiança. As formas de identificar os produtos orgânicos vêm passando por uma transição, de uma simples rede de confiança entre produtores e consumidores locais, baseadas nas interações face-a-face, para um sistema de certificação, pois as formas de comercialização também estão sofrendo alterações, da “feira direto com o produtor”, certificada ou não, para as redes de supermercados, lojas especializadas e compras pela *internet* (PORTILHO *et al*, 2008).

A venda direta está prevista na Lei nº10.831/03 (art. 3º § 1º), bem como no Decreto nº 6.323/07 (cap. II art. 28º) e no texto da instrução normativa relativa aos mecanismos de garantia e informação da qualidade orgânica (art.5º). Segundo o glossário do Decreto, entende-se que o agricultor familiar, na venda direta, deve

vender apenas para a pessoa física ou jurídica que vai consumir o produto, ou seja, o consumidor final. Se, por exemplo, o agricultor familiar vende laranjas em uma feira para uma pessoa física que vai se alimentar daquele produto, trata-se de venda direta porque quem comprou o produto vai consumi-lo (FONSECA, 2005 apud PORTILHO, CASTAÑEDA, 2008).

Quando a cadeia de produção se torna mais complexa e o consumidor fica mais distante do produtor, ou quando não existe nenhuma forma de controle social, há necessidade de confirmação feita por uma terceira parte - a certificadora (organismo de avaliação da conformidade). Normalmente, quando se fala em certificação, entende-se que os procedimentos são feitos por uma terceira parte, a certificadora, baseada em sistema independente de verificação e confirmação da conformidade (FONSECA, 2005 apud PORTILHO, CASTAÑEDA, 2008).

6 - METODOLOGIA

A Agricultura orgânica movimenta cerca de 26,5 bilhões de dólares no mundo, e o aumento do consumo está estimado em 30 a 50% ao ano. E ainda conforme dados obtidos na Emater-DF, o Brasil ocupa a segunda colocação no mundo em área de produção orgânica se contabilizado as áreas de extrativismo sustentável certificado. Contando somente a área cultivada, este número se reduz para 842 mil hectares, colocando o Brasil na quinta colocação no mundo atrás da Austrália, Argentina, Itália, EUA (EMATER, 2006).

Para o desenvolvimento deste trabalho o primeiro passo dado foi a pesquisa bibliográfica realizada a partir de material já publicado (artigos periódicos e material disponibilizado na internet) para construir o histórico da produção orgânica e seus processos de certificação. Posteriormente foi efetuada uma visita à propriedade Encanto Rural com o objetivo de verificar na prática a situação atual da produção de orgânicos na região do Distrito Federal.

7 – O CASO DA PROPRIEDADE DE ORGÂNICOS “ENCANTO RURAL”



Figura 2: José Ibalde e a chacará Encanto Rural

Fonte: autor

A chacará Encanto Rural (FIGURA 2) está localizada a aproximadamente 20Km de Planaltina DF na Colônia Agrícola Rajadinha. Encontra-se em atividade desde 1994. Incentivado pela sua esposa, Dinorah, após sua aposentadoria José Ibalde adquiriu a propriedade em 1994 e começou a produção convencional das culturas: folhagem, repolho, couve-flor alface e quiabo, empregando 3 funcionários.

“No início eu não mudei pra cá não. Eu vinha toda semana... mas como é uma chacara grande e muito boa com água eu não podia deixar isso aqui sem produziraí resolvi começar a plantar”.

Em 1998 José Ibalde conheceu produtores de orgânicos e resolveu modificar a forma de cultivar a terra, pois se preocupava muito com a saúde de seus empregados. Na mesma época, na companhia de um técnico, o aposentado visitou a fazenda Malunga que se encontrava no início de suas atividades.

“eu queria trabalhar sem usar agrotóxicos porque a gente sabe que prejudicava, sobretudo, os empregados. Todo ano eu tinha que levar pra fazer exame de sangue, etc. Eu queria uma coisa, então, que não causasse tantos problemas, tantos malefícios como o agrotóxico, o agroquímico, etc”.

“Na época da conversão o mais difícil é combater pragas e doenças. Eles chamam de orgânico porque a propriedade é um organismo vivo [...] Enquanto esse organismo não readquire aquela capacidade de autodefesa. Então quando você começa e é muito mais crítico combater pragas e doenças. Hoje eu não tenho esse problema”.

Em 1998 técnicos do Instituto Biodinâmico (IBD) visitaram a propriedade para dar início ao processo de certificação. A conversão ocorreu durante os anos de 1998 a 2000 e no ano de 2000 foi obtido o certificado do IBD. Em 2008 o sindicato dos produtores de orgânicos em parceria com o SEBRAE assinou um convênio com a CMO¹. Com esse convênio o SEBRAE bancava uma parte da despesa com a certificação e o senhor José Ibaldi passou a usar o selo da CMO.

Em 2011 entrou em vigor a lei dos orgânicos e a CMO não conseguiu se credenciar no ministério da agricultura para continuar a fazer o trabalho dela de certificação. Seu José Ibaldi trocou novamente de certificadora, utilizando agora o selo da Ecocert²

Um fato que facilitou a mudança foi que, na época a Secretaria de Agricultura do DF tinha criado um projeto de agricultura orgânica. O Sr. Aguinaldo Lélis era Secretário de Agricultura do DF e o Sr. Joe Vale seu assessor. Uma das primeiras medidas desse programa foi abrir um espaço na Ceasa para venda de produtos orgânicos. Em 1999 a produção começou a ser vendida por um grupo de quatro produtores na Ceasa com o título de orgânico, porém sem o certificado, mas como a Secretaria de Agricultura e a Emater DF conheciam o trabalho desses produtores e sabia que era orgânico e já estavam em processo de conversão permitiam a comercialização.

Algumas dificuldades encontradas pela produção orgânica na visão do senhor Ibaldi:

¹ CMO: A Certificadora Mokiti Okada vem desenvolvendo a Agricultura Natural no Brasil desde 1979 (iniciada e instituída na década de 30 pelo filósofo Mokiti Okada). Divulga a tecnologia da produção de alimentos saudáveis ao ser humano e ao meio ambiente, capacitando os agricultores de todo o Brasil, como também em outros países da América Latina, Europa e África.

² A Ecocert Brasil chegou ao país no início de 2001 e seu escritório fica em Florianópolis, Santa Catarina. A certificadora é uma representação da empresa francesa Ecocert, considerada uma das maiores da Europa e presente em mais de 50 países. Além da certificação para produção orgânica, a certificadora fornece atestados para outras aplicações agroecológicas, como, por exemplo, cadeias produtivas de soja não-transgênica, a exploração sustentável de florestas e a ausência de mão-de-obra escrava infantil. Neste caso, o selo leva a marca da Concert, pertencente a Ecocert.

“quando temos a agricultura familiar, ou seja, a família trabalha o resultado é positivo. Mas quem depende de mão-de-obra de empregado a despesa é muito alta. As obrigações impostas pela legislação oneram muito a produção, por exemplo, se eles (empregados) moram aqui tem que morar de forma decente, não posso empregar menores e todos os encargos são recolhidos. O que não ocorre, a gente sabe, na agricultura brasileira. A adubação precisa de muita mão-de-obra e nem sempre temos tudo que precisamos na propriedade. Eu comecei fazendo mas não deu certo”.

“No Mercado Orgânico que é um grupo do qual pertença e ajudei a fundar tem sobrado mercadoria, produzimos e não temos pra quem vender. Há aquela suposição de que o consumo de orgânico é muito grande, que a procura é muito grande, é engano. O “povão” mesmo não consome orgânico, quem consome orgânico é quem tem um poder aquisitivo que dá pra consumir orgânico quem não tem poder aquisitivo não consome orgânico. Por exemplo, o preço de orgânico em Planaltina não é o que praticamos na Ceasa... Se eu for vender nas cidades satélites eu preciso reduzir o preço senão não vai sair não. Pode até vender mas a venda será mais modesta, muito pequena”.

“Acontece que a pesquisa voltada para orgânico é uma coisa que não existe. Assistência técnica nós não temos nem da Embrapa nem da Emater, tanto é que nós estamos pagando um técnico (consultor) para dar assistência para nós desse grupo. Esse consultor que vem aqui duas vezes por mês dá algumas idéias e avalia o que estamos fazendo”.

“E outra coisa: Brasília tem a característica interessante no mês de julho, final de dezembro até início de março, as vendas caem muito. Porque o consumidor de orgânico é aquele que tem dinheiro pra viajar. O problema é que agente tem uma porção de encargos para pagar nesta época do ano: 13º, férias. E a grana...”

“O consumidor de orgânico sabe que é um produto que foi produzido sem usar aquela adubação química e sem usar defensivo, sem usar inseticida ou um agrotóxico. Isso aí a maioria sabe. Agora alguns, além disso, sabem que a produção de orgânico traz muitos benefícios proporcionados à própria natureza ao meio

ambiente. Aqui não fazemos corte de árvore, não colocamos fogo em coisa nenhuma, preservamos toda a natureza que está aqui”.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, os agricultores também foram evoluindo e se adaptando, aprendendo com as lições da natureza. Infelizmente, isso está bastante esquecido, com a introdução da agricultura convencional. Mas o fato é que, quanto mais o nosso jeito imitar o que acontece no ecossistema que predomina no lugar ou na região, maior será a biodiversidade e mais chances vamos ter de produzir sem a necessidade de usar agrotóxicos e com o mínimo de insumos que vêm de fora da propriedade (EMATER, 2006). É o que podemos observar na propriedade do senhor José Ibaldi com plantio direto, rotação de culturas, barreiras naturais, predadores naturais, uso de compostos orgânicos e respeito à diversidade natural da região.

As maiores dificuldades encontradas para que se tenha um crescimento constante é a necessidade da assistência técnica, uma vez que a produção de orgânicos é complexa e exige conhecimentos, os quais muitas vezes são deficientes, além da carência de pesquisas para identificar como ocorrem as relações entre as diferentes espécies de uma comunidade e também métodos de controle de pragas e doenças e a disponibilidade de novos pontos de venda.

9 - REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Produtos orgânicos.** Disponível em: <<http://www.prefiraorganicos.com.br/agrorganica/producao.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2011.

DAROLT, M. R. **A agricultura orgânica na America latina.** Paraná 2001. Disponível em < <http://www.planetaorganico.com.br> >. Acessado em 10 nov. 2011.

DULLEY; R. D. **As Diversas Faces da Agricultura Orgânica.** Pesquisador científico nível VI do IEA (Instituto de Economia Agrícola) e voluntário na AAO (Associação de Agricultura Orgânica). Trabalho publicado em 08/02/2002. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/trabdulley2.htm>>. Acessado em: 10 set. 2011.

GRAZIANO, G. O.; PIZZINATTO, N. K.; GIULIANI, A. C.; FARAH, O. E. & NETO, M. S. **A CERTIFICAÇÃO DE PRODUTORES DE ORGÂNICOS NO BRASIL : UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.** 2006. 17 P. XLIV CONGRESSO DA SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento” Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/5/871.pdf>>. Acessado em: 10 set. 2011.

MEDAETS, J. P. **A construção da qualidade na produção agrícola familiar: sistemas de certificação de produtos orgânicos.** 2003. 231 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

MELLO, J. A. V. B. **Agricultura orgânica como contribuição para um meio ambiente sustentável.** Disponível em <www.aedb.br/seget/artigos04/156_Resumo_seget_Jose%20Andre.doc>. Acessado em 7 nov. 2011.

PORTILHO, F; CASTAÑEDA, M. Certificação e confiança face-a-face na feira de produtos orgânicos. IV encontro nacional de ANPPAS. Brasília, 2008.

SANTOS, G. C.; MONTEIRO, M. **SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS.** Departamento de Alimentos e Nutrição – Faculdade de Ciências Farmacêuticas – UNESP – Araraquara – SP – Brasil. 2004. 94 p.

SMOLINSK, R.; GUERREIRO, E. & RAIHER, A. P. **Análise do mercado de produtos orgânicos: estudo de caso de feira em Ponta Grossa, PR.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 23. Ed. UFPR, jan. jun. 2011 p. 167-182.

www.emater.df.gov.br/

www.planetaorganico.com.br

www.prefiraorganicos.com.br

ANEXO

Fotos da chácara Recanto Rural e da distribuição e comercialização de orgânicos



Figura 3: Policultivo realizado na propriedade (banana, tomate cereja e milho)
Fonte: autor



Figura 4: Área de recepção e separação dos produtos
Fonte: autor



Figura 5: Sala de embalagem
Fonte: autor



Figura 6: produto pronto para ser vendido
Fonte: autor



Figura 7: Feira Orgânica de Planaltina (local onde os produtos são comercializados)
Fonte: autor



Figura 8: Disposição dos produtos na Feira Orgânica de Planaltina
Fonte: autor